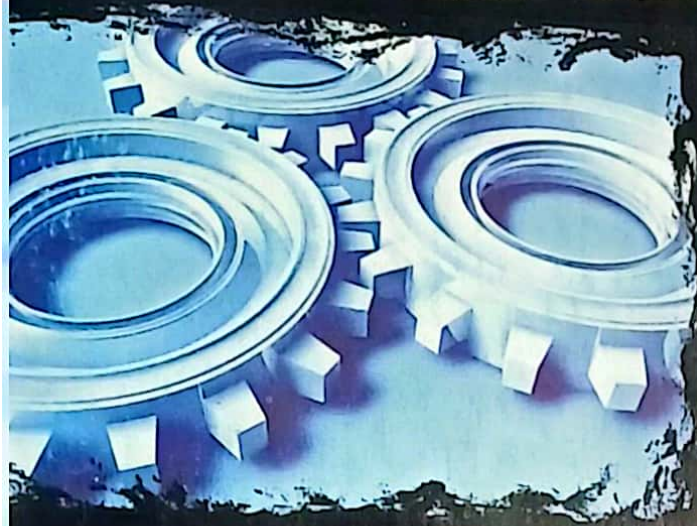
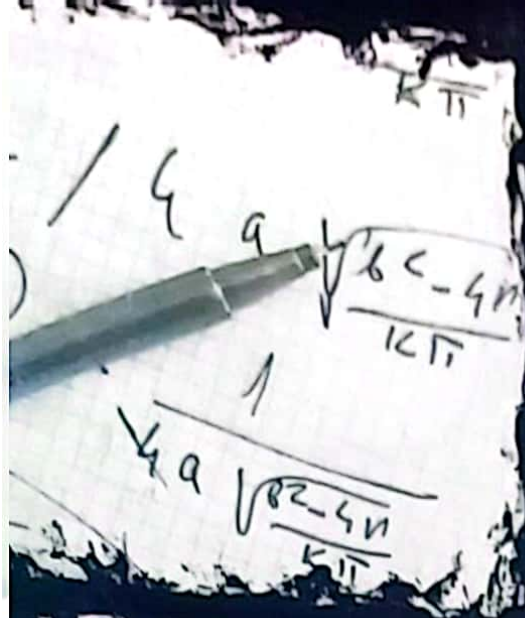


# Salvares



História, arte  
e patrimônio:  
as festas tradicionais  
de Sete Lagoas

# cadernos PEX COP





**História, arte  
e patrimônio:  
as festas tradicionais  
de Sete Lagoas**

---

---

**S A B E R E S**  
**Cadernos COPPEX**

**n.1**

**nov. 2008**

---

---

**Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM**

**Reitor**

Antônio Fernandino de Castro Bahia Filho

**Pró-Reitor Acadêmico**

José Hamilton Ramalho

**Pró-Reitor Administrativo**

Erasmus Bruno Gonçalves

**Saberes – Cadernos COPPEX**

**Coordenadoria de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão**

Vanessa Padrão de Vasconcelos Paiva

**Setor de Publicações**

Sérgio Antônio Silva

**Capa**

Gracilene Chaves

**Formatação**

Sérgio Antônio Silva

**Impressão e acabamento**

Gráfica UNIFEMM

**Tiragem**

50 exemplares

## Sumário

5

Apresentação

7

História, sociedade e patrimônio:  
conservação patrimonial do  
Congado e o desenvolvimento  
em Sete Lagoas

43

Imagens: Reinados



## Apresentação

Quando o vento soprou em meus ouvidos: “existem mais de 20 guardas de congado em Sete Lagoas”, logo me senti instigada a pesquisar sobre esse tema e conferir essa afirmação. Propus o projeto de iniciação científica “História, Arte e Patrimônio: as festas tradicionais de Sete Lagoas”, que foi aprovado pelo Centro de Pesquisa do UNIFEMM em 2007. Selecionados os pesquisadores, iniciamos as investigações e um universo cultural riquíssimo nos foi revelado.

Essa pesquisa pretendeu conhecer, refletir e analisar os ritos das principais Guardas de Congado e as festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário que acontecem na cidade de Sete Lagoas. Para isso, fizemos uso de bibliografia de apoio, visitas técnicas às solenidades, registros audiovisuais, além de entrevistas com participantes e comunidade local.

Essas festas são elementos integrantes do patrimônio imaterial das localidades, devendo ser melhor conhecidas para serem resgatadas e valorizadas enquanto manifestações fundamentais dos acervos histórico-culturais das cidades, peças primordiais para a memória e identidade regional.

Assim, é com grande satisfação que oferecemos ao público leitor um dos resultados desse trabalho, o artigo “História, sociedade e patrimônio: conservação patrimonial do Congado e o desenvolvimento em Sete Lagoas”, fruto do trabalho desenvolvido pelo pesquisador Cláudio Henrique Pereira Machado, graduado em história pela UNIFEMM. Abordagem sensível que traz luz sobre esse tema tão importante para a cidade de Sete Lagoas.

O texto discute os impactos provocados pelo desenvolvimento urbano e suas influências sobre as práticas culturais expressas pelas guardas de Congado setelagoanas. O autor tenta perceber como o Poder Público Municipal poderia contribuir para a preservação da memória dessas manifestações socioculturais que têm um papel significativo para o fortalecimento e a construção da identidade cultural da cidade.

Agradecemos ao UNIFEMM o financiamento e apoio à pesquisa que tornou possível a sua realização e agora a nós foi confiada a responsabilidade de inaugurarmos este importante meio de divulgação de resultados dos projetos desenvolvidos: os *Saberes: Cadernos COPPEX*. Obrigada.

*Rosana de Figueiredo Ângelo \**

---

\* Coordenadora do Projeto História, Arte e Patrimônio: as festas tradicionais de Sete Lagoas; Professora dos cursos de História e Serviço Social do UNIFEMM.

# História, sociedade e patrimônio: conservação patrimonial do Congado e o desenvolvimento em Sete Lagoas

Cláudio Henrique Pereira Machado \*

## Resumo

Este texto pretende refletir de que forma o desenvolvimento em Sete Lagoas afeta a prática cultural do Congado. Como o Poder Público Municipal pode estar exercendo seu papel na preservação da memória desta tradição e como esta atividade sócio-cultural pode contribuir para o estabelecimento de referências e construção de identidade, e também para o desenvolvimento cultural em Sete Lagoas.

**Palavras-chave:** Congado, espaço público, cultura, memória, identidade, patrimônio

## Resumen

Este texto trata de reflejar cómo el desarrollo en Sete Lagoas afectar a la práctica cultural de Congado. A medida que el Poder Público Municipal se puede ejercer su función de preservar la memoria de esta tradición y cómo esto actividad sócio-cultural puede contribuir a la creación de referencias y la construcción de la identidad, y también para el desarrollo cultural en Sete Lagoas.

**Palabras llave:** Congado, espacio público, cultura, memoria, identidad, el patrimonio

---

\* Licenciado em História pelo Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM. Trabalha no Projeto História, Arte e Patrimônio: as festas tradicionais de Sete Lagoas.

Endereço eletrônico: aldorray@yahoo.com.br ou claudio.machado@ymail.com.

# 1 Patrimônio cultural – preservação do Congado em Sete Lagoas

## 1.1 Patrimônio – conceitos básicos

Para refletir sobre a preservação do Congado<sup>1</sup> na cidade de Sete Lagoas, é necessário situar alguns conceitos importantes para que se possa adentrar ao tema deste trabalho. Quando se fala de Congado em Sete Lagoas, fala-se em Patrimônio Cultural. Entretanto, com este trabalho, pretende-se chegar a resultado que possibilite conhecer ações que colaborem para a preservação dessa prática. No entanto, é necessário um entendimento teórico desses conceitos essenciais para valorização do texto e do fim que se pretende. Diante disso, procura-se oferecer elementos que levem os leitores a conhecerem um pouco mais sobre o Congado e também sobre patrimônio. Chauí (1992, *apud* RANGEL, 2002) apresenta a cultura:

como a transformação pelo homem, das coisas naturais através das invenções coletivas, num tempo determinado, de práticas, valores, símbolos e idéias. Além disso, é uma avaliação pelo homem de seu próprio mundo através das obras do pensamento e da arte.

Torna-se cultura tudo aquilo que o homem aprende. Dentro do comportamento aprendido seja através de uma alguma forma de transmissão, a linguagem na qual o povo se comunica, conta suas histórias e faz seus poemas, como a forma que prepara seus alimentos, suas crenças, sua religião, o saber e o saber fazer as coisas, seu direito (RANGEL, 2002, p.20). O homem também se torna

---

<sup>1</sup> Congado é o termo usado principalmente na região sudeste e também pode ser chamado de Congada, tratando-se apenas de uma variação de gênero que remete às danças e à eleição de reis.

resultado do meio cultural em que foi socializado, através de um longo processo de acumulação, tornando-se herdeiro e ao mesmo tempo personagem desse fazer cultural, refletindo assim “o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2002, p.45).

Resumindo, a cultura justifica as realizações do homem determinando o seu comportamento que depende de um aprendizado. O homem é ser possuidor de cultura, e como ser que se comunica, somente pode haver cultura se houver comunicação, processo cultural pelo qual o homem faz o que aprendeu com seus semelhantes.

Dessa forma, para o estabelecimento de uma relação cultural entre os homens, deve ser levado em consideração o conceito de memória coletiva que segundo Marília Machado Rangel, reúne lembranças, heranças ou elementos que constituem o imaginário comum de determinada comunidade ligada por um passado comum. Essa constituição se faz, contudo, pela transmissão dos saberes herdado dos progenitores pelos herdeiros e também pelo convívio social. Dessa forma, os traços do passado se tornam elementos constitutivos de comunicação com o presente, caracterizando o espaço determinado e formando uma identidade cultural. Mas como se forma essa identidade cultural? A identidade na sociologia de Nöbert Elias (1994, *apud* Machado, 2002) nos fala que não existe indivíduo separado da sociedade, e sociedade sem indivíduo. Ou seja, o que homem faz, somente é aprendido pelo convívio em sociedade, pela relação que se estabelece entre os indivíduos, através dos significados fundados na memória coletiva. À luz dos conceitos de Nöbert Elias, Bernardo Machado nos fala que a identidade:

é um sistema de significados fundados na memória (de indivíduos e sociedades), os quais buscam dar sentido às experiências compartilhadas. Identidade está relacionada à criatividade. Se a primeira é um sistema edificado na memória, a segunda é o processo de produção de novos significados. Logo, a criatividade gera novas identidades, e estas, quando perdem sua capacidade de produzir sentidos, são forçadas a atualizar-se ou, então, perecem. (MACHADO, 2002, p.41).

Certas práticas culturais evoluem e se modificam com o tempo, sendo essas mudanças inevitáveis à percepção do homem. Muitas dessas modificações acontecem pela capacidade do homem se adaptar ao meio social que a princípio era imutável, experimentando novos valores, e também, pelos caminhos de ligação com a memória que nem sempre estão acessíveis para todas as pessoas. Dessa forma, o que consideramos como memória coletiva, é moldada sobre traços culturais que requer um grau de estabilidade do contato histórico com a existência, vivência e a identidade desse espaço, ou seja, necessita ser protegido, preservado de forma a assegurar o acesso à formação e a difusão dessas identidades.

Então, à medida que o homem cria uma identidade cultural, ele se apropria do espaço de vivência promovendo o exercício da memória e da cidadania, que por sua vez, se torna ferramenta de preservação.

A cidadania pressupõe um exercício contínuo dos direitos e deveres do indivíduo na sociedade, sendo permanentemente construído através de lutas que tem por necessidade a conquista de mais direitos, melhoras individuais e coletivas, mais liberdade, dessa forma, tornando-se referencial de conquista da humanidade.

Por ser elemento de referência, a cidadania faz do indivíduo, ser obrigado a proteger aquilo que é de direito que é o próprio exercício da cidadania. Esse exercício se torna por sua vez ferramenta de preservação dos bens culturais que fazem parte do

patrimônio do homem, que é tudo aquilo que o homem possui, tudo aquilo que é seu bem, que lhe garante uma qualidade de vida. Citando Magalhães (1996):

os bens culturais não são definidos apenas pelo passado ou pela tradição, mas por uma trajetória histórica norteadas pelo futuro. O passado é visto como referência que deve ser usada e reinterpretada no presente com propósito futuro (GONÇALVES, 1996, p.52).

À medida que a identidade cultural vai sendo preservada, o homem se integra mais a esses bens culturais participando mais do processo de preservação. Os bens culturais são definidos também pelos significados pelo qual o indivíduo se apropria, e uma trajetória histórica que não depende somente dele, mas de todos os homens que juntamente a ele depende dessa preservação para constituição de um caráter. São essas referências do passado que situam os sujeitos na história para conceberem os bens culturais como instrumentos para realização de um desenvolvimento autônomo.

Os bens culturais fazem parte do patrimônio do homem e são produtos da transformação, pelo homem das coisas naturais ou aquilo que promova a qualidade de vida de seu habitat através do bem estar material. Os bens culturais classificam em duas categorias: bem material aquilo que pode ser tocado e que também pode ser chamado de tangível, a outra, é o bem imaterial, ou seja, sabemos da existência, mas não podemos tocar, é o intangível. O Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) considera sobre que os bem culturais:

Os bens imateriais compreendem toda a produção cultural de um povo, desde sua expressão musical, até sua memória oral, passando por elementos caracterizadores de sua civilização. Os bens materiais se dividem em dois grupos básicos: bens móveis – são a

produções pictóricas, escultórica, material ritual, mobiliário e objetos utilitários – e bens imóveis – não se restringem ao edifício isoladamente, mas compreendem, também, seu entorno, garantindo sua visibilidade e fruição. No acervo de bens imóveis, que constituem o patrimônio de um povo e de um lugar, incluem-se os núcleos históricos e os conjuntos urbanos e paisagísticos, importantes referências para as noções étnicas e cívicas da comunidade. (IEPHA, 2008).<sup>2</sup>

Os bens culturais constituem o que chamamos de patrimônio cultural. Esse patrimônio é o conjunto de tudo aquilo que o homem produz. Os produtos artístico, artesanais e técnicos, as expressões literárias lingüísticas e musicais, os usos e costumes de todos os povos sejam do passado ou do presente.

“A noção de patrimônio, traz em seu bojo a idéia de propriedade. Etimologicamente traz a idéia de paternidade, ligada à acepção de herança, haveres deixados pelos antepassados” (ABREU, p. 30, in. ABREU e CHAGAS, 2003). A Constituição Brasileira discute de forma inovadora o sentido de patrimônio, inspirado principalmente em um período em que se verificou mudanças significativas com relação à política de patrimônio, quando Aloísio Magalhães assume o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)<sup>3</sup> e amplia a noção de patrimônio cultural de modo a valorizar a cultura popular “como parte da vida cotidiana e como formas de expressão de diferentes segmentos da sociedade” (GONÇALVES, 1996, p.56):

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

---

<sup>2</sup> <http://www.iepha.mg.gov.br/index>.

<sup>3</sup> Hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A importância do patrimônio cultural está diretamente ligada a sua preservação, pois somente dessa forma é possível constituir identidades, valorizando assim a cultura e a memória de um povo, tornando-o visível, compartilhando e fortalecendo elos de origem comum, inserindo-o num projeto de cidadania. Sendo assim, o patrimônio de um povo se torna importante, pois é ele que vai caracterizar uma comunidade e por isso a necessidade de preservar, pois tudo se relaciona com a manutenção da identidade cultural que controla os processos de evolução através dos anos, pois se houver uma mudança no ambiente local, têm como resultado uma mudança no comportamento daquela sociedade perdendo sua identidade.

A preservação tem por objetivo o bem-estar, a melhoria da qualidade de vida que possibilita ao indivíduo a garantia de um futuro. Segundo Germain Tillion:<sup>4</sup> “Não se prepara o futuro sem esclarecer o passado” (Cf. TODOROV, 2002, p.18). Ou seja, vários tempos se associam, não é garantido o futuro se não se compreende o que foi o passado e como as mudanças estão influenciando o presente; não é possível preservar a memória se não conhecer bem o passado, e não há como constituir uma identidade

---

<sup>4</sup> Antropóloga francesa Germaine Tillion, que estudou os bérberes na Argélia nos anos 30 e foi um destaque da Resistência à ocupação nazista da França na Segunda Guerra Mundial.

se não for preservada essa memória. Somente dessa forma é possível valorizar as referências enraizadas no passado. O presente é o exercício da memória e da cidadania, e isso implica deveres que constituem a preservação dos bens culturais. Sendo assim, o indivíduo se torna personagem de memória e de atuação dos processos de preservação, reservando para o futuro uma comunidade ou cidade valorizada.

Mas, para isso, é necessário que as referências do passado tenham sentido, é preciso o homem compreender o passado, e a construção do sentido tem esse objetivo. “Tanto o passado quanto o presente é próprio do homem” (TODOROV, 2002, p.145), e nessa planificação de sentidos, essa aproximação dos vários tempos depende de todos os envolvidos e isso implica consciência:

Os homens realizam sua humanidade tanto mais quanto reforçam essa atividade da consciência e tentam compreender o mundo inteiro – e, conseqüentemente compreender a si mesmo (TODOROV, 2002, p.145).

A preservação do bem cultural está vinculada diretamente a essa consciência que é individual e coletiva. E não precisar ir muito longe para se criar essa consciência, bastam reforçar os elos com o espaço em que se mora a cidade, as estradas, o bairro, as pessoas. Mas isso, também depende de uma atuação do poder público, sendo essa capaz de uma ação efetiva que depende de uma correta utilização e integração ao cotidiano da comunidade (RANGEL, 2002, em GRUPO GESTOR, p.25).

Quanto à atuação do poder público, existem instrumentos legais de proteção que perpassam a identificação e constituem o trabalho de pesquisa e cadastro dos bens: o inventário, que é a identificação da melhor forma de proteção e informa sua importância histórica e características físicas, e o tombamento, que é a

declaração do bem protegido oficialmente. A importância do bem tombado se verifica na perpetuação da memória. Mas isso não depende somente do Poder Público. Mesmo com o bem tombado, é necessário o cidadão zelar pelo que é seu, pelo que constitui a sua memória.

A educação patrimonial também é uma forma de preservação, e ela pode atuar tanto dentro da escola quanto fora dela, e tem como foco o patrimônio cultural. A Educação Patrimonial também pode proporcionar aos indivíduos a possibilidade de aprender sobre a importância de preservar os bens culturais, propiciando o intercâmbio de conhecimentos entre o Poder Público e a comunidade, dentro de um diálogo que permite envolver a comunidade na gestão do patrimônio cultural, de forma a apropriar e a usufruir dos bens em um processo de desenvolvimento sustentável.

## 1.2 Congado: uma festa de Reis em Minas Gerais

Pode-se afirmar que o Congado é uma manifestação cultural brasileira, de influência africana e origem luso-brasileira, tendo o catolicismo de Portugal fornecido os elementos europeus de devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Com a Igreja no Brasil reforçando essa crença, os negros foram moldando o culto e a festa, formalizando a sua crença através de modelo cristão. Muitas situações deram origem a essa manifestação que ainda hoje “permanece como fator identitário de muitas comunidades que a praticam” (GABARRA, 2003, p.2).

A hipótese mais forte remete a origem do Congado às raízes africanas do culto. A contribuição africana tem seu traço decisivo

no Brasil com a recriação do negro sobre o modelo religioso do branco. Segundo Reis<sup>5</sup> (2008), é importante lembrar que o processo de catequese de missionários dominicanos levava Nossa Senhora do Rosário à África, transmitindo seu culto aos negros, quando principalmente no século XVI, o Império Congo da África sofreu uma grande incursiva colonialista portuguesa. Trazidos para o Brasil como prisioneiros, vários membros da família real vieram como escravos e, no Brasil, uniram-se, constituindo uma nova relação social (GABARRA, 2003, p.3).

Marina de Mello e Souza nos fala que esses grupos se identificavam como pertencentes a uma mesma etnia, de forma a “recriarem a uma organização comunitária”. E uma forma de os africanos escravizados recriarem essa organização estava na eleição de Reis e capitães, tornando-se um costume bastante disseminado na América Portuguesa (SOUZA, 2001, citada por JANSCO; KANTOR, p.249).

Algo importante a ser lembrado é que os africanos de várias etnias se misturavam nos entrepostos comerciais. Nesse processo de descobertas de novas identidades, o contato com diversas culturas e a distância de suas sociedades de origem possibilitaram que esses africanos trazidos como escravos pudessem estabelecer uma relação social de forma a recriarem suas crenças com novas práticas culturais, que revivessem os laços sociais de solidariedade que foram sendo construídos nas rotas para América (SOUZA, 2001, citada por JANSCO; KANTOR, p.249). Segundo Marina de Mello e Souza, quando desembarcavam na América:

---

<sup>5</sup> [http:// www.tambormineiro.com.br/congado.html](http://www.tambormineiro.com.br/congado.html).

os colonizadores atribuíam aos africanos uma identidade definida pelo local de embarque e pelas regiões nas quais haviam sido adquiridos. Ao serem nomeados pelo colonizador, as diferentes etnias eram identificadas por caracteres gerais e mais evidentes, comuns a diversos grupos embarcados no mesmo porto. Assim, a partir das similitudes culturais, dos mercados em que foram comprados e do lugar de procedência do navio negreiro em que foram transportados os africanos, foram agrupados em determinadas nações. (SOUZA, 2001, citada por JANSCO; KANTOR, p.251).

Dentro do que se constituíam as “nações”, muitas dessas novas relações sociais foram sendo formadas no interior de irmandades católicas. A principal foi a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Muitas das comunidades eram identificadas como sendo de determinadas nações. E há notícias de que nessas irmandades se elegiam reis que se identificavam com nações diversas, “em Minas Gerais eram sempre reis de Congo os eleitos” (SOUZA, 2001, citada por JANSCO; KANTOR, p.251). Para eleição desses reis, várias danças eram realizadas para festejo dos reis e dos santos padroeiros. Essas danças ficaram conhecidas em Minas Gerais, a partir do século XIX, principalmente como congadas. Ainda segundo Marina de Mello e Souza, “as danças foram formas culturais criadas pelas comunidades negras na sociedade escravista, que ao mesmo tempo em que adotaram padrões institucionais lusitanos e valores católicos, reforçaram os laços com a África natal” (SOUZA, p.255, citada por JANSCO; KANTOR, 2001). As danças dramatizavam o passado africano no Novo Mundo com elementos construídos a partir da escravização e da integração com a sociedade colonial, adotando o catolicismo, mesclado com elementos religiosos africanos. Essa proximidade com o catolicismo lusitano pode ser entendida se considerarmos que as irmandades do rosário surgidas no Brasil não só vieram da Europa,

mas também da África, e também, que muitos africanos vieram para o Brasil irmãos do rosário, recriando aqui valores incutidos pela Igreja através “dos missionários ou dos catequistas que pregavam na região do Congo e da Angola” (SOUZA, 2001, citada por JANSO; KANTOR, p.255).

Remetendo ao conceito de nação já dito, percebe-se que, aos poucos, os africanos no Brasil foram se despidendo de suas particularidades culturais, acordando elementos que configuraram na realidade em uma nova nação. Numa comunidade negra que se elegia um rei Congo,<sup>6</sup> havia negros de diferentes etnias que se uniram através da cultura bantu, formando novas relações sociais.

Nessas relações, percebe-se uma organização mobilizadora para manutenção das festas e da própria irmandade, que inclui sobrevivência econômica e de elementos que compõem a sociabilidade nas irmandades negras. As atividades exercidas dentro das irmandades assumem importância quando associadas ao esforço de definir uma identidade cultural. A festa, as danças e a eleição de reis são elementos que compõem a história dos “homens pretos” nas irmandades. Como já dito, era uma forma de socializar numa sociedade essencialmente branca e escravista, possibilitando novas situações sociais na vida colonial. As festas apareceriam integradas à mentalidade branca como representação cultural de uma sociedade colonial, sendo que as irmandades apareceriam como pano de fundo da integração entre as raízes negras e a aculturação ao modo de vida do branco na colônia.

---

<sup>6</sup> Marina de Mello e Souza adota o termo rei Congo em um dado momento de seu texto, ao se referir como ela propriamente diz, “a uma identidade mítica, estando associado a noções e sentimentos que ultrapassam em muito as especificidades do reino do Congo como existiu historicamente [...] a uma idéia de africanidade construída no Novo Mundo”.

### 1.3 A tradição em Sete Lagoas – situação atual

Muitas dessas características presentes na festa de Rei Congo ainda estão presentes como cortejo pelas ruas da cidade, com músicas e danças, com observadores que conhecem, outros que consideram como grotescos versos que narram episódios diversos que remetem ao passado africano ou a situação vivida pelas comunidades negras. Mesmo que a perda do espaço público e o esvaziamento cultural sofrido em muitas cidades, muito dessa tradição se mantém preservada em sua essência, e a festa das irmandades são portadoras de um passado rico e se mostra bastante dinâmica, mesclando e incorporando elementos que demonstram sua vitalidade.

Algumas pequenas e médias cidades mineiras, como “São João Del Rei, Milho Verde, Sabará são cidades turísticas do interior mineiro e preservam o congado, juntamente com sua arte barroca e arquitetônica e urbanismo setecentista” (GABARRA, 2003, p.2). Outras cidades mineiras vivem um momento de desvendamento da prática cultural do Congado, com o apoio do Poder Público. Em Sete Lagoas, mesmo com o esvaziamento cultural sofrido pela cidade, o Congado ainda se mantém firme como uma das principais práticas culturais da cidade, sem perder seus atributos especiais.

Segundo Andrade (2006), Sete Lagoas, durante grande parte de sua história, foi vista como uma região agropecuária, passando de uma sociedade produtiva para uma sociedade de informação. Esse processo de mudança implicou diretamente a transformação do espaço público, que se fragmenta mediante as influências de aspectos “progressistas”. A cidade não teve um plano urbano e arquitetônico. Com pouco mais de 200.000 habitantes, suas ruas e prédios denotam total falta de projeção. Sete Lagoas vive, como

consequência de seu crescimento, a retração do espaço público e o desenraizamento de seus moradores. Esse processo de mudança é ditado por:

influências econômicas (industrial e de consumo), comunicativas, associativas e culturais [...] consideradas cada uma delas como participante de uma só instância informacional. É correto concebermos que novas formas de sociabilidade estão sendo gestadas e que o espaço urbano se apresente fragmentado, porque as relações sociais também a estão, fruto de ação dos meios de comunicação e das tecnologias que imprimem velocidade aos espaços-tempos urbanos”. (ANDRADE, 2006, p.11).

Dalton Antônio de Avelar Andrade ainda discute que o ambiente fabril da cidade torna-se fator que restringe o espaço público, além de não priorizar os atrativos culturais e que entram em contraste direto com suas origens urbanas (ANDRADE, 2006, p.12). Sete Lagoas tem uma cultura privilegiada e que não detém o apoio do Poder Público. Em sua prioridade de crescimento econômico a cidade perde sua capacidade identitária diante às dificuldades evidenciadas como o crescimento urbano desordenado e a desorganização do espaço.

Questionar as particularidades históricas do modelo de desenvolvimento da cidade permite materializar a problemática dos aspectos culturais da cidade. Sete Lagoas, muito além de ser um centro econômico, é também cenário de manifestação cultural e de fé que vem desde o século XIX.

Privilegiada pela cultura do Congado, Sete Lagoas se vê envolvida por essas mudanças, em que se observa uma luta pela sobrevivência dessa tradição. No entanto, o Congado se mostra dinâmico e, juntamente com a cidade, se adapta aos novos modos de vida. Entretanto, mesmo incorporando novos elementos, o Congado sofre com o efeito dessas transformações, pois a perda

do espaço pressupõe que a relação de identidade dos grupos ou indivíduos está se desfazendo.

A preservação da prática cultural do Congado demonstra que durante esse processo de desenvolvimento da cidade mudanças históricas na vida cultural estão ocorrendo, e permite observar uma cultura bastante antiga e pouco modificada, mas ameaçada diante da falta de incentivo do Poder Público e da indiferença dos moradores da cidade.

O calendário festivo na cidade se mostra intenso, entretanto, falta divulgação das festas juntamente à Secretaria de Cultura, o que não proporciona o contato dos moradores e dos visitantes, impossibilitando a prática de um turismo cultural. A cidade de Sete Lagoas já se mostra bastante projetada no cenário mineiro, no entanto, falta essa projeção cultural para os próprios moradores da cidade. O deslumbramento dessa prática nos mostra que é necessário espaço para que os congadeiros mostrem sua tradição. Sete Lagoas vive um momento de redução do espaço cultural e, para o Congado, é necessária a prática para que a memória se mantenha. O contato com a tradição é uma condição a qual tanto os congadeiros quanto os moradores da cidade devem assumir. Segundo Hannah Arendt, somos seres condicionados:

tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. [...] O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente caráter de condição da existência humana” (ARENDT, 2001, p.17).

Para os congadeiros é mais importante viver permanentemente essa atividade cultural do que aprendê-la ou registrá-la. O conhecimento é repassado através da família e da tradição oral. Como fonte de saber dessa tradição, os mais velhos ensinam aos mais novos o que condiciona sua existência: repassar aos mais jovens a tradição do Congado, que, assim, recebem o patrimônio cultural dos antepassados.

Pensa-se, então, que se trata de uma condição também do Poder Público Municipal e dos moradores da cidade, a valorização das festas e da tradição, uma vez que, para os congadeiros, é necessária à prática, e isso somente é possível com a manutenção do espaço público e a preservação da memória. Acima de tudo o Congado, é elemento identitário de muitas comunidades e familiares, inclusive muitas guardas<sup>7</sup> se constituem como núcleos familiares primários, consangüíneos ou não, e vivenciam hábitos que extrapolam a noção tradicional de família, em que são bastante representativas as figuras paternas e femininas dentro das guardas, tudo isto fortalecendo os laços sociais entre os congadeiros.

A prática do Congado é, antes de tudo, uma afirmação de sua realidade principalmente no meio urbano, em que centros comerciais e industriais ocupam o espaço que antes era de manifestação da fé e da religiosidade dos congadeiros. Resta-lhes o mundo do subúrbio, em que a perda das tradições é uma condicionante do mundo do trabalho, em que “nossos contemporâneos têm escolha, se o podemos dizer entre as visitas degradantes

---

<sup>7</sup> A denominação “guardas” se refere a grupos de Congado que pode ser também denominado “ternos”. Essa variação do termo “guardas” para “ternos” está relacionada com a variação regional que tem esse significado ou também pela dificuldade teórica de entendimento.

aos supermercados e a depressão diante do aparelho de televisão, fonte inesgotável de divertimento” (TODOROV, 1999, p.173). Na cidade o que resta é reinserir essa arte ao meio de vida dos moradores, vivê-la como obra construída e assistida, ou, segundo Todorov, uma obra *in status nascendi*, é pensar o Congado como uma prática sociocultural.

## 2 Congado em Sete Lagoas

### 2.1 Guardas, componentes e espaço

A cidade de Sete Lagoas apresenta-se como espaço que possui maior número de guardas no estado de Minas, em torno de 24 grupos que estão espalhados por toda cidade e zona rural. Como espaço sujeito à metamorfose contínua, as guardas em Sete Lagoas sofrem com a diminuição do espaço para a prática cultural e, como a maioria das guardas se encontram em regiões periféricas em que não há valorização de ruas e praças, geralmente as festas se encontram restritas às Igrejas e festas na casa de moradores.<sup>8</sup> O momento em que as guardas ganham as ruas é nas procissões. São poucas as guardas que conseguem fechar uma rua para celebração da festa, uma vez que são poucas as guardas que possuem uma sede para se fixar e celebrar o santo padroeiro.

---

<sup>8</sup> Geralmente são agendadas festas de levantamento de Bandeiras para pagar uma graça concedida pelo santo de devoção do morador.

A periferia se apresenta como espaço sem representação simbólica no tocante ao estabelecimento de referências e dos elementos identitários das comunidades, sem uma caracterização arquitetônico-urbanística que a distingue do centro da cidade como lugar de desenvolvimento. Nesse espaço, os contrastes são muitos parecidos e a dependência dos centros urbanos é evidente. O impacto de outras culturas numa sociedade da informação fragmenta a vida em comunidade e esta vivência impossibilita a identificação do espaço. Perde-se o contato com um mundo de valores e conceitos que a própria periferia pode oferecer. Contudo, o que se não se encontra em representação simbólica material pode ser percebido na prática sociocultural de muitas atividades, tidas como obra de arte, produzidas na periferia, e são esses elementos que caracterizam bairros como núcleos de cultura que substituem o material. É a valorização do intangível tornando-se elemento de identidade do espaço periférico, sendo a dança, a música, a fé religiosa como manifestação de idéias e construção da cidadania.

O Congado, atualmente, é uma manifestação sociocultural na periferia, e os seus componentes são, em sua maioria, trabalhadores de classe baixa, com salário mínimo, tendo ainda muitos aposentados, como sendo os mais experientes das guardas. Os mais velhos são nascidos na zona rural e muitos migraram para cidade com intuito da busca de oportunidades de trabalho que segundo, muitos congadeiros a vida no campo era muito difícil. Antônio Pereira Machado fala que a infância em Serraria, comunidade rural perto da cidade de Inhaúma, foi muito difícil:

“quase a gente não tinha o que comer. Era muito trabalho e pouca recompensa, mas graças a Deus minha família nunca passou fome. Comecei a trabalhar com 7 anos de idade tocando boi, para ajudar meu pai. Com 18 anos já tinha saído de casa pra trabalhar.”<sup>9</sup>

Na fala de Maria Januária Ferreira Machado, percebe-se que a vida difícil no campo e a oportunidade na cidade, fizeram com que muitas pessoas migrassem:

“meu pai veio com a família para Sete Lagoas nos anos 60. Ele era carpinteiro e começou a trabalhar na prefeitura. Meu pai sempre participou do Congado desde os 8 anos de idade e só não participa mais pois sofreu um derrame que o impossibilita de participar.”<sup>10</sup>

Muitos congadeiros em Sete Lagoas fizeram esse caminho. Na fala acima, o pai é Antônio Ferreira da Silva, mais conhecido como Sô Antônio Carpinteiro. A guarda da qual participou por muitos é a Guarda de Nossa Senhora da Conceição do Paiol, que foi fundada no ano de 1934 na comunidade rural do Paiol, perto do distrito de Silva Xavier. Percebe-se que, juntamente com esse processo de êxodo rural, muitas guardas também vieram para a cidade e muitas outras foram fundadas na periferia, onde muitos migrantes se estabeleceram. O espaço que era antes a periferia hoje se encontra englobado à região central, e a periferia de hoje comporta os congadeiros e novas Guardas de Congado que estão surgindo.

---

<sup>9</sup> Depoimento de Antônio Pereira Machado, 61 anos, cantor-violeiro, da guarda Nossa Senhora da Conceição Estrela do Mar. Entrevista concedida ao autor.

<sup>10</sup> Depoimento de Maria Januária Ferreira Machado, 54 anos, contribui indiretamente na Guarda Nossa Senhora da Conceição Estrela do Mar. Entrevista concedida ao autor.

O perfil de algumas guardas demonstra que a maioria dos congadeiros possui mais de 30 anos de idade, em se tratando de componentes ativos. A Irmandade Nossa Senhora da Conceição Estrela do Mar possui em sua guarda em torno de 20 componentes, no entanto, nem todos são componentes ativos, participantes das festas e reuniões. Algumas outras guardas contam com muitos jovens e apresentam números maiores de componentes, como é a Guarda União Rosário São Cristóvão, que possui em torno de 60 componentes, tendo em torno de 30 componentes com menos de 30 anos. Tem-se ainda uma quantidade de adolescente que chega à quantidade de 15 jovens com menos de 18 anos. Esse fator discrepante se explica pelo fato da data de fundação das guardas e também do lugar de fundação. A Guarda Nossa Senhora da Conceição Estrela do Mar foi fundada no de 2000 no bairro Orozimbo Macedo, região bastante populosa que apresenta o seu espaço bastante movimentado e já descaracterizado com aspectos evidentes da falta de infra-estrutura urbana e conseqüente falta de qualidade de vida. Já a Guarda São Cristóvão teve origem no Bairro da Catarina no ano de 1974, bairro já antigo e que participou de um período de desenvolvimento da cidade, e que preserva a identidade do Congado, com duas sedes que abrigam quatro grupos. A sede da Guarda São Cristóvão abriga o Moçambique São Sebastião, e a sede da Guarda São Geraldo de Nossa Senhora do Rosário abriga a Guarda Santa Joana d'Arc.

O contato dos moradores do Bairro Catarina com a prática do Congado é constante, uma vez que o calendário de festa do bairro, em relação às guardas, é bastante cheio, apresentando no mês de outubro três festas simultâneas com organização da Paróquia São Cristóvão. Cada festa se realiza na sede de cada guarda: Guarda União do Rosário São Cristóvão, Guarda de São Geraldo de Nossa Senhora do Rosário, Guarda Santa Rosa de Lima, sendo

a sede desta guarda no Bairro Santa Rosa. No final da tarde cada guarda sai da sua sede para se unir em procissão pela Rua Pedra Grande a caminho da Igreja de São Cristóvão para celebração da Santa Missa. Ao final da celebração, as guardas se unem novamente em procissão para voltarem às suas sedes e encerrarem as festas.

O lugar de origem das guardas não determina que os componentes também o sejam. Muitos congadeiros participam de grupos que não são do bairro onde moram. Alguns congadeiros da guarda Estrela do Mar, que tem a sua sede no Bairro Orozimbo Macedo, por muitos anos participaram da Guarda Nossa Senhora da Conceição do Paiol, que se encontra estabelecida no Bairro JK, uma vez que a Guarda Estrela do Mar surgiu do desentendimento entre componentes da Guarda do Paiol, sendo que os congadeiros que moram no bairro Orozimbo Macedo fundaram a Guarda Estrela do Mar.

## 2.2 Mudanças na cidade e no Congado

Atualmente, Sete Lagoas está inserida no contexto das cidades médias, dentro disso, o estudo que pode ser feito é o do crescimento desordenado e sem planejamento da cidade. O modelo de desenvolvimento econômico imposto na cidade expandiu-se de forma desequilibrada, o que amplia a preocupação de reformas estruturais no cerne de bairros afastado do centro urbano, o que aumenta as diferenças entre centro e periferia. A urbanização implica desenvolvimento, no entanto, expande as relações de dependência e desigualdade, em que usos e hábitos pertinentes ao espaço dependem diretamente do centro urbano. A periferia não mais é o elemento gerador de identidade e conexão com o espaço

de vivência. Passa a ser o centro urbano esse elemento agregador dos indivíduos e de consumo cultural do espaço público.

Nesse processo de crescimento, percebe-se que as transformações sofridas decorrentes dos aspectos demográficos e econômicos influem diretamente nas questões referentes ao patrimônio e à memória. E a tradição mantida, que coloca o homem em contato direto com sua história, perde seu espaço, pois a referência de pertencimento e o espaço de sociabilidade se fragmentam mediante as tensões provocadas pela urbanização.

A cidade de Sete Lagoas viveu, em sua história, sucessivas fases econômicas que aos poucos foram moldando a cidade com características comuns a cada processo. Pode-se considerar como fatores de expansão da cidade o advento da “ferrovia inaugurada em 1896, as oficinas, de 1906, geraram a primeira expansão urbana” (ANDRADE, 2006, p.72). Outra fase foi a vinda das fábricas para a cidade, nos anos de 1950: a Itambé e a Cedro. Como cidade de natureza industrial e entreposto industrial e comercial, Sete Lagoas situa-se no caminho de Belo Horizonte, e tem a característica de prestadora de serviços tanto para a capital, quanto para as pequenas cidades. Com o desenvolvimento da cidade, vê-se alterações que moldam o espaço urbano, gerando novos hábitos e criando a imagem do novo espaço:

As fases econômicas, relacionadas às vias de transportes, transformam os lugares, geram novos espaços urbanos, como novos usos, que se tornam reconhecíveis, e a lembrança que deles se conserva, é um discurso desse ambiente. (ANDRADE, 2006, p.73).

O autor ainda completa, mencionando:

A antiga BR 03 (atual BR 040) passava por dentro da cidade e nas suas margens surgiram fábricas, comércio, serviços e moradias – assim como aconteceu no final do século XIX e início do XX com a ferrovia, em outro ponto da cidade (ANDRADE, 2006, p.74).

Juntamente com esses novos usos, novos hábitos surgem e novas tradições são criadas, assim como velhas tradições se estabelecem. Os bairros criados tornam-se espaços de velhas lembranças e de novas práticas, a tradição se transforma juntamente com a cidade e seus moradores, fatos representativos passam a fazer parte do cotidiano dos moradores, constituindo a memória e preservando a identidade.

Como se sabe, Sete Lagoas tem sofrido muitas transformações como cidade pólo que representa. Os vários espaços na cidade estão sofrendo metamorfoses que influem diretamente nas práticas socioculturais, o que promove o processo de alienação de entendimento das tradições. As manifestações do espaço tornam-se acuadas diante das transformações impostas à cidade.

O Congado em Sete Lagoas está inserido dentro do contexto de transformação da cidade. Essas mudanças influem diretamente nos traços culturais que moldam a vivência das pessoas e a identidade do espaço. Assim como a cidade sofre com alterações das referências identitárias, o Congado sofre com o efeito dessas mudanças e perde contato com grupos ou indivíduos, e os próprios congadeiros e herdeiros dessa prática cultural se vêem envolvidos, uma vez que mudanças não são alheias ao homem. Constituídos de particularidades e características únicas, cada grupo ou indivíduo é conduzido a se adaptar aos novos hábitos de vida. E a prática cultural do Congado também sofre novas incorporações que determinam a tendência dos usos e costumes culturais. Valores dessa prática são esquecidos e outros novos são adotados, o que determina a sobrevivência de muitas guardas. Os mais velhos não podem mais celebrar sua tradição no espaço transformado e se encontram deslocados e desenraizados, assim como os mais novos encontram novas formas de sociabilidade.

Alguns traços mais comuns tornam-se mais evidentes nas festas de Congado, como a presença de congadeiros mais velhos e menos jovens participando. O público também mudou. Hoje as festas estão mais vazias, como relata, na entrevista, Celso Luiz dos Santos, que se pode considerar como jovem, pela idade 32 anos:

“Nossa Senhora! Eu não sou muito velho, mas eu já vi cada pátio cheio de gente que só você vendo! Hoje os meninos não estão com a fé de antigamente, a maioria vão é somente pra passar o tempo, não seguem a nossa tradição, e depois saem do Congado.”<sup>11</sup>

O motivo da diminuição da participação de João Gregório, que possui 67 anos e vive o Congado há 60 anos, demonstra outra idéia acerca do público nas festas:

“Sabe por que está diminuindo a participação do povo, meu filho? É porque antes não tinha outra diversão para o povo, só tinha isso. [...] Aqui na cidade tem forró, bailão, show, bar e umas muitas outras para o povo freqüentar [...]. Se continuar assim, isso vai acaba, meu filho! Os jovens não querem saber nem aprender a bater caixa de jeito nenhum, eles querem é sair pra procurar moça no bailão e largar o Reisado. [...] Tem muito jovem indo para o caminho das drogas e largando a gente, o que é uma tristeza”<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Depoimento de Celso Luiz dos Santos, 32 anos, presidente e capitão da Guarda Moçambique São Benedito do Bairro Interlagos em Sete Lagoas, em entrevista concedida à Thiago Antonio Tavares para o projeto do Centro Universitário de Sete Lagoas, História, Arte e Patrimônio: as festas tradicionais de Sete Lagoas.

<sup>12</sup> Depoimento de João Maciel, mais conhecido como João Gregório, 67 anos, mestre Regente da Guarda Marujada Santa Efigênia do Bairro Santa Luzia em Sete Lagoas, em entrevista concedida Thiago Antonio Tavares para o projeto do Centro Universitário de Sete Lagoas, História, Arte e Patrimônio: as festas tradicionais de Sete Lagoas.

Percebe-se, na fala dos entrevistados, que a diminuição está diretamente ligada à percepção de mundo novo dos jovens. A resistência por parte dos mais jovens existe a partir do momento que novos valores influenciam a maneira de ver e viver sua realidade. No entanto, outros motivos também contribuem para que as guardas e a perpetuação das festas se concretizem. No depoimento de Valdir Ferreira da Silva, vê-se que a falta de apoio do Poder Público Municipal influencia diretamente na sobrevivência dos grupos.

“A diminuição se deve ao fato, principalmente quanto à ausência do Poder Público que não se preocupa com os grupos tradicionais da cidade. Todos os municípios brasileiros são obrigados por lei à efetivação nos orçamentos públicos de valores que serão para o financiamento das artes culturais, incluindo-se neste contexto, os grupos organizados das cidades de origem. Realmente a existência dos grupos fica ameaçada, devido à falta de incentivos fiscais, financeiros, transportes, locais de treinamento e financiamento das atividades cotidianas, pois estes sobrevivem com os poucos recursos financeiros advindos de doações de seus membros, ou recursos da comunidade”.<sup>13</sup>

Percebe-se que os movimentos de progresso que ocorrem na cidade atinge de todas as formas os grupos de Congado. Fala-se no mundo da informação que influencia o modo de ver e viver dos jovens e que detém os ditames da vida citadina. Esse progresso pode ao mesmo tempo preencher lacunas e o bem-estar social, como, também, deslocar o jovem da sociedade quando não há uma efetiva ação pública de incentivo das práticas artísticas, em que

---

<sup>3</sup> Depoimento de Valdir Ferreira da Silva, 52 anos, funcionário público e coordenador da Guarda Nossa Senhora da Conceição Estrela do Mar em entrevista concedida ao autor para o projeto do Centro Universitário de Sete Lagoas, História, Arte e Patrimônio: as festas tradicionais de Sete Lagoas.

possa se inserir na sociedade. O vazio existencial do mundo globalizado preenche a sociedade de jovens alienados, sem uma sustentação de valores, em uma cidade que aos poucos se esvazia culturalmente.

Essas mudanças pouco influenciam o interior das guardas de Congado, no que se refere a ritos, trajes e, de maneira geral, na festa do Rosário. A convivência das tradições demonstra que as guardas incorporam novos elementos sem perder a essência, mostra-se dinâmica através de ritos populares que preservam a tradição, sem perder sua vitalidade cultural. O que há é uma evolução nos trajes, que se torna elemento fundamental de perpetuação das festas, novos cânticos compostos pelos mestres e capitães. No discurso de congadeiros, a tradição não pode ser mudada na sua raiz, mas alguns ritos sofrem influência. Muitos cânticos não podem ser mudados, pois fazem parte da adoração a Nossa Senhora do Rosário. O traje é o item que mais sofre mudanças, as guardas têm liberdade de adotar cores, mudar o uniforme. Segundo Maria Januária Ferreira Machado, atualmente há mais organização e fiscalização quanto à utilização dos uniformes, antes faltava uniformidade nos trajes e as roupas eram desbotadas.

É unanimidade entre os entrevistados que poucos elementos mudam na tradição das guardas. Muitas músicas são compostas pelos congadeiros, e os uniformes são elementos importantes dentro da guarda.

Outro fator importante a ser discutido é o resgate de valores e da auto-estima de muito congadeiros. Considera Valdir Ferreira da Silva que muitos integrantes vivenciam dificuldades particulares dentro de seu padrão de vida:

“Outro ponto que chamava a atenção era a perpetuidade entre os grupos, de fortes indícios do uso de bebida alcoólicas e com o passar do tempo, as situações foram se alternando e estes, hoje estão mais conscientes e praticam a dança com mais sobriedade e sabem do perigo que a bebida oferece. Simplesmente pelo fato de ser uma arte praticada por parte da população negra, a incúria pessoal, como o analfabetismo, por exemplo, era fator cultural. Hoje vislumbramos grupos mais organizados e com elevação escolar.”

Apesar das dificuldades enfrentadas, a consciência quanto à organização dos grupos une os congadeiros e o compromisso de manutenção das festas, da participação dos jovens, torna-se uma condição de todos os integrantes em repassar essa tradição através dos saberes e também do reconhecimento, perpetuando a prática cultural do congado no meio social, através do contato com os moradores da cidade.

## 2.3 Congado na cidade e atuação do Poder Público

Em Sete Lagoas, pode-se intuir que o Poder Público Municipal não tem uma ação efetiva de contribuição para a prática do Congado na cidade. Há de se perceber as dificuldades enfrentadas pelas guardas de Congado, em que todo custo de atividades recai sobre os integrantes, com doações limitadas, transporte, acomodação, sede. Raramente, poucas são guardas que recebem apoio da Prefeitura, com transporte para festas fora da cidade. Para organização das festas na cidade, realizadas pelas guardas, as arrecadações são feitas pelos próprios componentes, os custos com os instrumentos e trajes também são dos próprios congadeiros. Antigamente,

segundo João Gregório, as arrecadações para as festas eram através de esmola. Na roça, essa prática ainda é comum. Segundo ele:

“Na festa que a nossa guarda organiza algum comerciante ajuda a pagar a despesa do folheto pra divulgar a festa”. Alguns ajudam com mantimento. O grosso da arrecadação é feito por meio de bingo, almoço e sorteio de alguma coisa que a gente faz aqui na nossa Igreja.”

A maioria das guardas recebe patrocínio quando as festas são realizadas e organizadas pela Igreja, como, por exemplo, na festa no mês de outubro organizada pela Paróquia de São Cristóvão, que recebe patrocínio de importantes estabelecimentos comerciais e indústrias da cidade. No entanto, são poucas as guardas que desfrutam de alguma contribuição de empresas para manutenção de suas atividade e também de pessoas públicas na cidade. São as próprias guardas que, em sua maioria, se sustentam, e muitos congadeiros não têm uma situação financeira confortável, dependendo de muito esforço para manutenção de muitas coisas dentro da guarda. Seguindo a fala de Antonio Pereira Machado:

“A guarda funciona com contribuição dos próprios congadeiros. Quando a viola precisa de cordas o próprio violeiro compra as cordas. O custeio é dos próprios congadeiros até mesmo muitas vezes para transporte de um lugar para o outro.”

Percebe-se que efetivamente nenhum grupo possui benefícios como patrocínio ou pessoa que financie a guarda. Valdir Ferreira da Silva nos fala em entrevista que:

“não vemos mais esse tipo de ação hoje na sociedade e muitos integrantes não possuem condições até mesmo para se deslocarem de suas casas e acabam comprometendo a apresentação do grupo com atrasos e faltas.”

Ainda menciona que o Poder Público Municipal não é o único responsável pelas dificuldades enfrentadas pelas guardas, pois a maioria delas não se encontra estruturada organizacionalmente e enfrenta problemas internos de direção que afetam o desempenho desses grupos:

“Mas o poder público não é o único culpado. Vemos ainda uma cultura que para fazer parte da diretoria executiva, tanto da Associação de Congadeiros ou dos próprios grupos, estes devem ser exclusivamente dos próprios grupos. Aí não se vê pessoas qualificadas para tal. Essa é uma das dificuldades que buscamos sanar nos meios folclóricos, incentivando pessoas de maior graduação acadêmica com conhecimentos específicos que permitem uma visibilidade dos direitos e obrigações.”

A aproximação do Poder Público Municipal se faz, pela Prefeitura, na Semana do Folclore, que aparece integrada ao calendário cultural da cidade. Na semana do folclore, todas as guardas da cidade e região são convidadas para a festa e, nessa atividade, todas as guardas têm a oportunidade de manifestar e ter o contato com o público, necessidade de todos os congadeiros. A manifestação no espaço se faz quando há essa oportunidade, em que há esse apoio com a disponibilização do espaço cultural e do transporte.

Sete Lagoas possui dois momentos de manifestação do Congado, que são a Festa de Santa Helena, no mês de maio, e a Semana do Folclore, no mês de agosto. No entanto, o apoio em relação à festa de Santa Helena é mínimo, contando com a ajuda na manutenção da festa e o incentivo financeiro para locomoção das guardas. Com relação à semana do Folclore, a prefeitura já sede o espaço, o anfiteatro do Casarão, para apresentação de outras artes folclóricas e do próprio Congado, com Missa Conga no último dia da semana, que se realiza no domingo.

Todos os congadeiros pensam que é importante guardar a memória do Congado para que a geração futura possa conhecer e ter contato com essa prática cultural. No entanto, são poucos os que conhecem a obrigação do Estado de preservar essa memória, mesmo que muitos mantenham um arquivo pessoal de fotografias e outras lembranças. Muitos não registram as festas, pois estão preocupadas com o fazer cultural do Congado, elemento pertinente de sua fé e devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Em Sete Lagoas não há nenhuma ação efetiva de registro e preservação do Congado como patrimônio cultural da cidade. O Congado é a principal prática cultural dentre tantas com a mesma importância. No entanto, a cidade desperta agora para a consciência patrimonial. Mas, como pensar em preservação do Congado, se os modos de vida da comunidade em Sete Lagoas se encontram fragmentados, onde a periferia é o espaço de permanência dessa prática e o centro urbano não mais exerce seu papel de abertura? A princípio é preciso que o Poder Público Municipal assuma os valores produzidos pelo Congado como prática sociocultural e, evidente, como manifestação de fé e religiosidade secular na cidade de Sete Lagoas.

O Congado é o bem cultural, não somente dos congadeiros, mas também de todo setelagoano. O cidadão não se apropria deste bem, ele próprio participa de uma memória coletiva que o faz construtor de relações e, portanto de cultura. Exercendo a memória, o Congado torna-se elemento de identidade cultural na cidade. A iniciativa efetiva aparece no interior das guardas, em que a preocupação, para Antonio Pereira Machado, passa por:

“Transmitir para quem não participa do Congado. Nós chamamos para participar pelo menos indiretamente as pessoas que manifestam interesse. Os garotos que acham interessante bater

na caixa, nós ensinamos, os cânticos nós repassamos para quem deseja aprender. Quem contribui indiretamente, pelo menos terá um contato com a vivência da guarda. Alguns não se sentem à vontade em vestir o uniforme, mas isso é quebrado com o tempo.”

Mas essa ação não garante a sobrevivência dos grupos, pois é papel do Poder Público também, através de garantias de manutenção e preservação da prática cultural. Essa preocupação vem em forma de insegurança, pois muitos grupos passam por dificuldades e não têm condições de se manterem vivos se não houver o amparo do Poder Público Municipal. A perpetuidade dessa prática no meio social se faz mediante a fé em Nossa Senhora do Rosário. Muitos membros demonstram desinteresse em aprender algo mais sobre o Congado, pois, segundo os mais velhos, participam apenas para “passar tempo”. Dessa forma, a transmissão por parte dos mais velhos se faz de forma desacreditada, pois não há uma garantia de que os jovens queiram aprender e também do incentivo constante dos vários setores da sociedade e principalmente do Poder Público.

## 2.4 Desenvolvimento cultural e preservação

As cidades médias, atualmente, sofrem com o crescimento urbano desordenado, o que resulta na sua descaracterização histórica, de traços arquitetônicos, e também no contexto da prática cultural, em que o Poder Público Municipal não responde à necessidade de preservação. Toda cidade tem um patrimônio considerado como importante referencial cultural, e este responde como importante elemento de exploração e, como consequência, de afirmação

da identidade. O patrimônio torna-se, então, referência de percepção, do contato que os moradores adquirem com a sua história. No entanto, é a própria população que constrói essas referências, valorizando a memória e constituindo uma identidade local. É o estabelecimento das referências socioculturais, que se fazem necessários para compreender a tradição, mediante, a um espaço histórico fragmentado, e que se torna busca de uma situação de bem-estar.

O patrimônio cultural é produto dos usos e hábitos do homem, tornando-se também condição do Poder Público incutir essa consciência de preservação dos valores culturais, da iniciativa com ações dirigidas para preservação e transmissão dos valores culturais. Mas, percebe-se que a configuração espacial das cidades se apresenta descaracterizada, tendo como consequência lugares bastante desqualificados. A valorização da prática cultural se faz mediante a sensação de bem-estar, pois, primeiramente é preciso que o Estado propicie qualidade de vida para população. Dentro desse conceito, a organização do espaço, corresponde diretamente com a qualidade de vida e consequente satisfação, em que a valorização da prática cultural se faz presente. O bom ambiente legitima a história do lugar e permite a visualização de sua memória, através da preservação das diversas manifestações na cidade. Permite uma ação constante de integração entre os moradores e o lugar de vivência.

É perceptível que a política de preservação do patrimônio em cidades médias ainda se faz pouco presente. As formas de preservação são frágeis, mediante aos problemas primordiais de infra-estrutura, que são uma preocupação maior ainda nos municípios. As crescentes dificuldades do espaço público tomam o front de investimento, sendo que os recursos destinados ao patrimônio se tornam poucos. Entretanto, existem mecanismos de incentivos

aos municípios como parcerias com setor privado e também o repasse do ICMS Cultural (porcentagem do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), para que os municípios estimulem a preservação do patrimônio. Dessa forma, com o esforço de conservação de seus bens, as prefeituras terão recursos para preservar seu patrimônio.

Para se estabelecer uma política de preservação e, como consequência, instrumento de exploração sustentável dos bens patrimoniais, é preciso que os atores envolvidos estejam capazes de potencializar os atrativos culturais na cidade, principalmente aqueles ligados ao patrimônio histórico. Para isso, é preciso que a população conheça os valores que o bem cultural possui e também que o Poder Público Municipal assuma o papel norteador de todo processo como meio a garantir o aproveitamento dos bens culturais como forma de desenvolvimento cultural na cidade. Nesse contexto, é necessário que se considerem alguns aspectos para o estabelecimento dos bens culturais como valores inerentes à cidade, de apropriação pela população:

Primeiramente, há que se promover um trabalho de promoção interna, almejando o resgate do orgulho pelo lugar [...]. Mobilizar todos os atores da cidade e fazer por acontecer ações imediatas, catalisadoras da opinião pública são públicas são estratégias que vêm demonstrando eficácia em alguns locais. Outro aspecto a ser considerado e priorizado é a (re)construção da imagem que a cidade tem de si mesma. O processo de identificação, formatação e divulgação da imagem da cidade pode tornar-se, também uma forma de promoção interna, motivando os cidadãos ao (re)conhecimento de seu lugar. (SIMÃO, 2006, p.69).

O maior potencial da cidade é a sua cultura. Para almejar o desenvolvimento cultural é preciso que internamente haja a valorização e organização das práticas culturais por parte da população

e também do Poder Público. E isso, depende também da apreciação do público que deseja conhecer esse atrativo cultural. Os lugares que possuem um referencial cultural cultuado constituem, intrinsecamente, potenciais turísticos (SIMÃO, 2006, p.67). No entanto, somente os núcleos urbanos preservados conseguem desenvolver o turismo cultural de forma sustentável.

Sete Lagoas precisa se organizar nesse sentido, de forma, a valorizar todo esse potencial cultural. A preservação do patrimônio somente tende a acrescentar ganhos à vida econômica e cultural de uma cidade. O usufruto do patrimônio contribui para movimento de atividades em todos os aspectos e para a noção de pertencimento cultural reforçando o potencial econômico, social e cultural da cidade.

Então para conciliar preservação do Congado e o desenvolvimento em Sete Lagoas é preciso mudar a mentalidade a respeito da questão patrimonial, pela necessidade de valorizar e destacar os aspectos simbólicos dessa prática sócio-cultural. É necessário, também que haja uma política pública que considere toda rede espacial, “refletindo a historicidade e a dinâmica urbana atual” (SIMÃO, 2006, p.59). Maria Cristina Rocha Simão considera importante:

A preservação do patrimônio cultural, aliada à qualidade de vida urbana, amplia o espectro de variáveis a serem consideradas para a garantia e manutenção dos valores culturais e ambientais urbanos. Assim, devem ser pensadas alternativas para essas cidades, adequadas às suas especificidades, para solucionar problemas como saneamento básico, infra-estrutura de serviços e equipamentos urbanos, circulação e transporte coletivo, economia estagnada ou em declínio, crescimento urbano desordenado. Não há por que, sob a desculpa de preservar o patrimônio histórico, artístico e cultural, deixar degradar o meio ambiente urbano (SIMÃO, 2006, p.59).

Pode-se completar essa consideração mencionando que, sob o prisma do progresso e desenvolvimento, não há como desconsiderar as relações sociais presente na prática do Congado, pois o espaço urbano, atualmente, torna-se lugar legítimo de manifestação de fé dos congadeiros. Entretanto, o palimpsesto da “moderna e urbana” Sete Lagoas ainda continua impondo os caminhos de passagem para onde a procissão do Congado quer chegar. O significado dessa tradição no lugar de vivência sugere que a sua história são elementos pertinentes de integração na sociedade. O entendimento é o ganho cultural e essa tradição se torna significado da referência cultural urbana em Sete Lagoas.

## Referências

ANDRADE, Dalton Antonio Avelar. *Espaço e Memória em Sete Lagoas*. 2006. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Dissertação de Mestrado, 2006.

GABARRA, Larissa Oliveira. Congado a festa do Batuque. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewissue.phpid=9> Acesso em: 25 jun. 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ; Iphan, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MACHADO, Bernardo Novais da Mata. A Identidade de Fato e de Direito. In: MINAS GERAIS, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. *Reflexões e contribuições para Educação Patrimonial*. Grupo Gestor (org.). Belo Horizonte: SEE/ MG, 2002.

PATRIMONIO imaterial, in. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. *Programas e Projetos*. 2008. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index>.

RANGEL, Marília Machado. Conceitos sobre Patrimônio Cultural. In: MINAS GERAIS, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. *Reflexões e contribuições para Educação Patrimonial*. Grupo Gestor (org.) – Belo Horizonte: SEE/ MG. 2002

REIS, Cida. *Congado*. Disponível em <http://www.tambormineiro.com.br/congado>. Acesso em: 25 jun. 2008.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades*. 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SOUZA, Marina de Mello e. *História, Mito e Identidades nas Festas de Reis Negros no Brasil – Século XVIII e XIX*. in: JANSCÓ, Istvan; KANTOR, Íris. (org.) *Festas: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Hucitec: Edusp: FAPESP: Imprensa Oficial SP, São Paulo, Brasil 500 anos; v.3.

TODOROV, Tzedan. *Memória do mal, tentação do bem*. São Paulo: Arx, 2002.

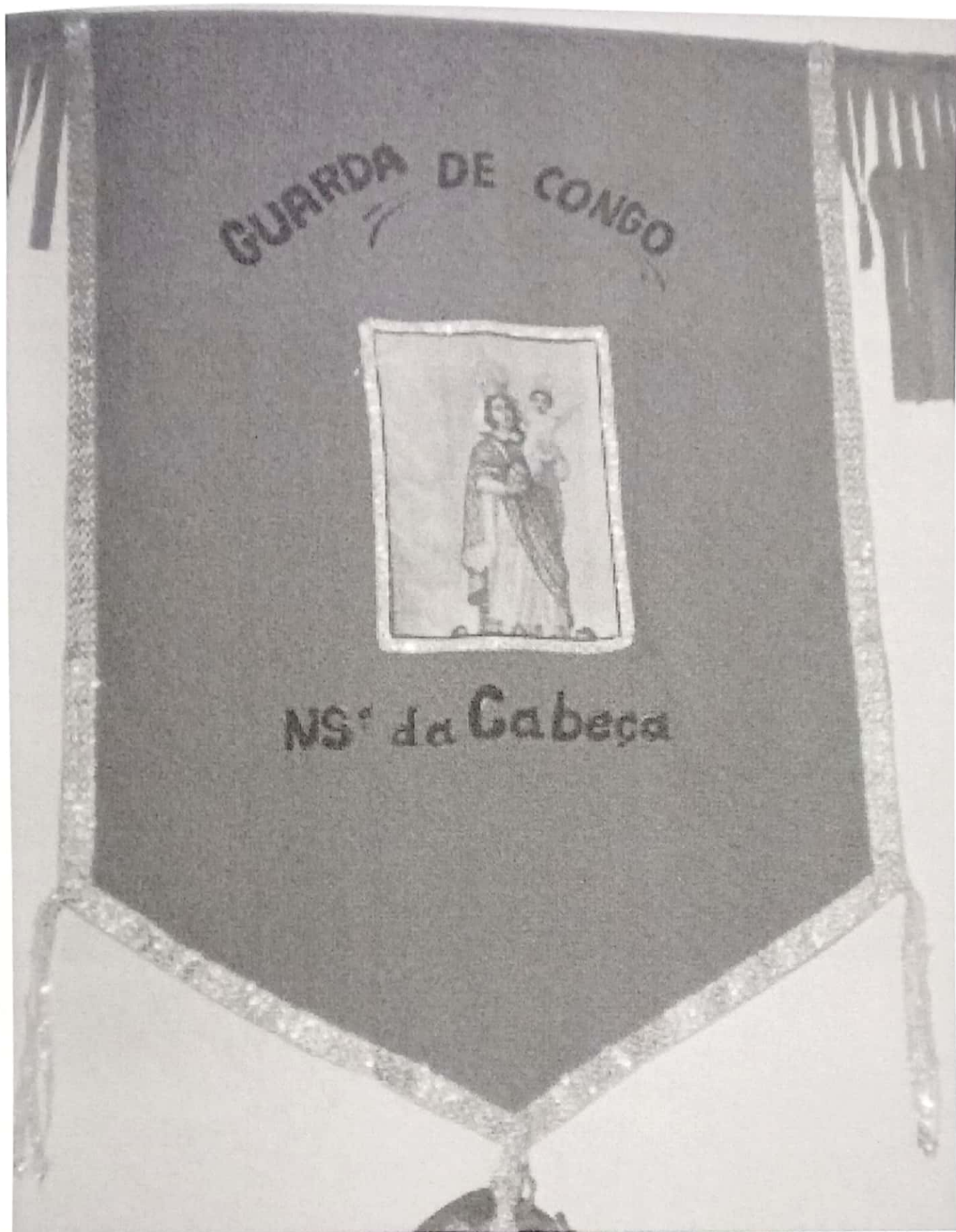
TODOROV, Tzedan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

# **Imagens: Reinados**

















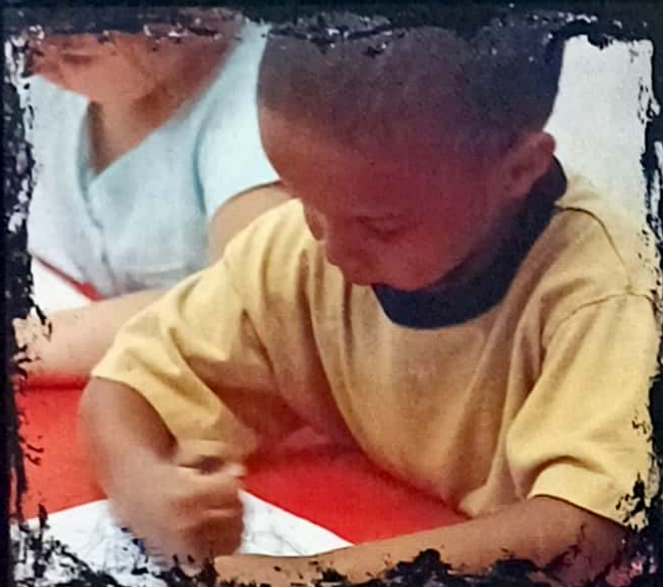












 **UNIFEMM**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SETE LAGOAS

SABERES / CADERNOS COPPEX  
Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Av. Marechal Castelo Branco, 2765  
Santo Antônio - 35.701-242  
Sete Lagoas MG  
[www.unifemm.edu.br](http://www.unifemm.edu.br)